

Jornalismo de dados e o papel da semântica em análise do caso #primeiroassédio¹

Silvana SCHULTZE²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O artigo aborda o processo jornalístico baseado em dados, a partir da análise de caso de tratamento com essa natureza do movimento #primeiroassédio, iniciativa do projeto Think Olga. Reflete sobre o paradigma de convergência midiática, buscando intersecções com teorias relacionadas à interação entre humano e computador, ao comportamento de usuários em mídias sociais e às transformações sociais ocasionadas pelas mídias digitais. Propõe que a metodologia do jornalismo de dados seja compreendida como uma racionalidade específica, que alia intuição e observação aprofundada do contexto social no qual a situação analisada está inserido. Defende que a metodologia é marcada pela atribuição de valor social aos dados digitais, o que propicia a elaboração e disseminação de textos jornalísticos analíticos com potencial de estimular debates e reflexões socialmente relevantes.

Palavras-chave: jornalismo de dados; internet; mídias sociais; convergência midiática; web semântica.

Introdução

O movimento #primeiroassédio, gerado pela organização não-governamental Think Olga, conquistou lugar no debate sobre pedofilia e assédio sexual graças à sua repercussão em mídias sociais. Idealizada pela jornalista Juliana Faria em 2013 como um projeto feminista, a Think Olga assumiu como sua missão utilizar a informação para promover o empoderamento feminino e retratar ações das mulheres "em locais onde a voz dominante não acredita existir nenhuma mulher" (THINK OLGA, 2015). Já no ano de sua criação, a ONG chamou a atenção da mídia com a campanha *Chega de Fiu Fiu*, voltada ao combate

¹ Trabalho apresentado no DT 5 – Rádio, TV e Internet do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Doutoranda em Ciências, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. E-mail:silvanaschultze@usp.br

do assédio sexual em locais públicos. Também neste momento a organização já demonstrava uma estratégia claramente definida de utilizar mídias eletrônicas para estabelecer o diálogo com seu público-alvo, ao elaborar estudo online para averiguar opinião de mulheres sobre cantadas de rua. O número de respostas superou as expectativas, atingindo cerca de oito mil participantes em duas semanas (THINK OLGA, 2015). A divulgação dos dados da pesquisa lançou nova luz à ONG, numa prévia da atenção que sua abordagem de temáticas da mulher receberia com a criação da hashtag *primeiroassedio* no Twitter: mais de 50 mil tuítes em menos de um dia (BBC PORTUGUESE, 2015).

Um dos elementos disparadores do movimento *#primeiroassedio* foi a polêmica que tomou conta de parte significativa da imprensa brasileira envolvendo uma criança participante de *reality show* de culinária, produzido e transmitido por emissora brasileira em cadeia nacional. Como uma das concorrentes do programa *Master Chef Júnior*, da TV Bandeirantes, a menina foi alvo de comentários de forte apelo sexual, em alusão à sua aparência e a seu suposto "desenvolvimento precoce" (BBC PORTUGUESE, 2015). O fato de a maioria dos comentários ser feita por meio de mídias sociais, nas quais facilmente se identifica a autoria, sugeriu que os autores sentiram-se à vontade para transitar virtualmente no limiar da pedofilia.

É em momentos de crise, conflito e controvérsia que as comunidades são obrigadas a articular os princípios que as dirigem (JENKINS, 2009). A controvérsia desencadeada pelo *reality show* mostrou que a sociedade brasileira enfrenta um desses momentos em relação à temática da pedofilia. É exigido que os princípios sejam articulados, e com urgência, uma vez que a demora pode colocar vidas em risco. O atual estágio das tecnologias de mídia, bem como o paradigma nele vigente, permite que a sociedade participe dessa articulação. Por meio de computadores pessoais e públicos, ou por telefones móveis, a sociedade tem a opção de registrar através de narrativas digitais suas opiniões e percepções sobre o tema, encontrando plataformas desenvolvidas para comportar e armazenar grandes quantidades de dados digitais. Esses enormes repositórios tornam-se extremamente úteis num momento marcado tecnologicamente e socialmente pelo interesse individual e organizacional, em diversas esferas, na extração do conteúdo semântico de dados digitais. Tal interesse justifica-se pela representatividade, deste conteúdo, de culturas coletivas específicas, para as quais existe uma ampla gama de mensagens a serem direcionadas, com propósitos distintos.

Em 2013, a repressão a crimes sexuais praticados na internet contra crianças e adolescentes no país avançou ao ver aprovado no Senado o Projeto de Lei PLS 494/2008, iniciativa da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) que "disciplina a preservação de dados de usuários da internet e a transferência de informações aos órgãos de investigação policial" (SENADO NOTÍCIAS, 2015). O episódio do *reallity show* brasileiro, entretanto, expôs uma discussão sobre a configuração de pedofilia, não só em relação às suas manifestações, mas também quanto à sua própria classificação. Indo além da compreensão no âmbito clínico, onde uma possível classificação da pedofilia como patologia reflete diretamente no âmbito jurídico, a discussão avançou para o campo do que é moralmente aceito no Brasil em termos de alusões de conotação sexual dirigidas a crianças.

Um dos comentários divulgados na mídia como exemplo dos ataques virtuais dirigidos à menina participante do *reallity show* resume essa pauta de discussão: por meio de mensagem de Whatsapp, o autor do comentário questionava se “quando é consenso também é pedofilia”. Insinuava, assim, que o grande número de comentários de mesmo teor – o alegado “consenso” – seria um indício de que, longe de ser uma anomalia, tais comentários expressavam um padrão de mentalidade em conformidade com as regras vigentes na sociedade. Seguindo essa lógica, o ato de apontar e ressaltar uma suposta precocidade no desenvolvimento sexual de uma criança torna-se banal, corriqueiro, algo que todos fazem – inclusive nas suas expressões mais vulgares

Itamar Gonçalves, representante da World Childhood Foundation (WCF), organização dedicada à prevenção do abuso e exploração infantil, chama a atenção para o fato de que muitas pessoas produzem material digital com conteúdo pedófilo porque existe público interessado, atividade que a princípio não configuraria pedofilia por não estar relacionada à busca por prazeres sexuais próprios (SAFERNET, 2015). Ao visar à comercialização de tais materiais, o interesse é predominantemente financeiro. Qual seria o interesse, entretanto, das pessoas que vieram a público expor de modo jocoso suas opiniões de cunho sexual sobre uma criança?

Ao incentivar a exposição de depoimentos pessoais que tratassem, sob a ótica dos próprios autores, de assédio sexual sofrido durante a infância, a ONG Think Olga levantou essa e outras questões. O teor dos depoimentos, bem como de comentários relacionados a eles trouxe à tona aspectos relevantes sobre o perfil de crianças vítimas de assédio sexual e de seus agressores, assim como sobre as modalidades e características de assédio. A

plataforma digital da ONG Think Olga assumiu, assim, um caráter de repositório de dados digitais que abrangem, em sua extensão, a complexidade da vulnerabilidade infantil diante de comportamentos sexuais adultos.

A divulgação destes dados, por sua vez, introduziu no ambiente digital um espaço de discussão sobre pedofilia, num processo de retroalimentação que, longe de se tornar demagogo, ilustra o potencial das mídias eletrônicas como promotoras de mudanças sociais. O movimento #primeiroassedio exemplifica, ainda, um contexto específico de estudos de populações, dinâmico e atual, pautado pela aplicação de referencial teórico e prático relacionado a tecnologias de comunicação e informação. Destacam-se, nesse contexto, os conceitos de crowdsourcing e Jornalismo de Dados, que serão abordados neste estudo a partir de análise de caso de cobertura jornalística do #primeiroassedio. O estilo de escrita adotado pelo jornalista Rafael Kenski, permitiu a identificação do percurso seguido em seu raciocínio, uma vez que ele apresentou sua estratégia de tratamento dos dados.

Ao explicitar as motivações que o fizeram seguir por determinados caminhos, Kenski demonstrou também a lógica adotada na formulação das hipóteses que permearam sua abordagem. Assim, a leitura atenta da matéria revelou ricos exemplos da união equilibrada do pensamento analítico com o pensamento intuitivo, considerado por Melo e Abelheira (2015) como o fundamento do Design Thinking (DT), metodologia proposta para a resolução de uma variedade de problemas. O DT estimula a criação de ideias vindas de todas as partes, sem julgamentos, e defende que uma análise profunda e embasada em uma boa observação estruturada contribui para o correto enquadramento da situação a ser estudada, “resolvendo” parte significativa do problema enfrentado (MELO; ABELHEIRA, 2015).

A racionalidade do Design Thinking embasou grande parte da análise do caso apresentada neste estudo. O primeiro passo proposto por Abelheira e Melo (2015) para desenhar a estratégia de pesquisa mais adequada a cada caso é a identificação das pessoas afetadas, informação com a qual Rafael Kenski já contava ao iniciar sua análise dos dados do #primeiroassedio. Crianças representam a população a ser impactada pelo estudo das circunstâncias em que outras crianças se depararam com comportamentos sexuais adultos pela primeira vez em suas vidas. A expectativa dos envolvidos no estudo, desde a organização até a divulgação dos dados, passando pelos participantes que voluntariamente expuseram detalhes muitas vezes dolorosos de suas intimidades, é que esse impacto seja

positivo, à medida que contribuirá com informações relevantes para o delineamento de estratégias de combate à pedofilia.

Nesse sentido, este estudo desconstruiu a matéria citada, em busca de elementos que indicassem as decisões estratégicas tomadas pelo jornalista durante sua análise, relacionando-as com práticas associadas à observação estruturada proposta pelo Design Thinking. Examinando a estratégia identificada à luz da literatura revisada, procurou-se identificar os pontos do debate sobre pedofilia que poderiam ser enriquecidos pelo posicionamento crítico defendido pelo autor da matéria. Pretende-se, com essa análise, incentivar a reflexão sobre o potencial de transformadora social da metodologia proposta pelo Jornalismo de Dados.

Outras contribuições esperadas são a disseminação da prática e reconhecimento do Jornalismo de Dados, bem como o estímulo à utilização de análises de dados digitais semelhantes à metodologia aqui exposta em estudos de cunho social que visem ao delineamento de políticas e ações, sobretudo de caráter preventivo e voltado à diminuição de vulnerabilidades.

Tecnologias de mídia e conhecimento semântico

Ao assistir o programa de TV protagonizado por crianças, um grupo de telespectadores *criou* mentalmente seu próprio programa, protagonizado por uma das participantes do programa original. Baseou-se, para isso, numa combinação de características físicas reais. Tratou-se, portanto, de ficção, ainda que determinados comentários nas mídias sociais pudessem sugerir o contrário – ao defender, por exemplo, que atitudes, gestos e posturas da criança estimulariam tais pensamentos.

Para Jenkins (2009), convergência midiática representa uma transformação cultural, que deve ser compreendida além da concepção de processo tecnológico. Nessa transformação, defende o autor, a convergência não se dá por meio de aparelhos sofisticados, mas através da interação social de diversos cérebros individuais – cada um construindo sua própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo

mediático e transformados em recursos através dos quais o ser humano compreende sua vida cotidiana. Sob essa interpretação, é no mínimo intrigante dispor-se ao exercício de imaginar quais os pedados e fragmentos de informações que compõem a base da compreensão de cotidiano dos autores das mensagens aqui mencionadas.

Rafael Kenski desvencilhou-se de julgamentos para se lançar a essa tarefa. Intrigado com um aparente recuo no interesse por pornografia infantil buscada na internet, Kenski recorreu ao seu repertório social para investigar possíveis causas relacionadas ao resultado encontrado. Sua aposta, ou hipótese, foi que a busca por pornografia infantil não estaria diminuindo, mas sim sendo diluída. Uma vez que a busca por conteúdo na internet ocorre basicamente por palavras-chave, o jornalista colocou momentaneamente de lado os resultados da pesquisa pela frequência de buscas por palavras tradicionalmente associadas à pedofilia, e realizou uma nova pesquisa com uma palavra que, na sua opinião, expressaria uma mudança de imaginário dos brasileiros relacionado ao conteúdo de conotação sexual com menores.

A palavra utilizada foi “novinha”, sendo a escolha norteadada por elementos da cultura popular que a utilizam, como letras de música. Curiosamente, e coincidentemente ou não, na mesma época – do movimento #primeiroassedio e da divulgação dos dados, seguidos pela veiculação da matéria de Rafael Kenski – foi exibido na TV comercial de rede de *fast food* para divulgação de novos produtos do cardápio. Ao som de trilha sonora no mesmo ritmo das músicas mencionadas pelo jornalista, a palavra “novinha” e suas variações (“novinhas”, “novinhos”) foi repetida algumas vezes pelo cantor do *jingle*, e o comercial utilizou inclusive recursos gráficos para destacar a palavra, ao lado das imagens dos sanduíches. Ainda que de gosto questionável, o comercial com suas diversas alusões é um indício claro de que a percepção de Rafael Kenski é compartilhada por outros segmentos da sociedade brasileira.

O exercício do jornalista é também uma demonstração da necessidade de se recorrer à semântica para se localizar, em meio a um universo de dados digitais, a informação mais adequada a uma necessidade específica. Os resultados encontrados para a busca pela palavra “novinha”, por sua vez, indicam não só que a hipótese inicial foi uma boa aposta como também sugerem que a palavra merece ser incorporada no vocabulário dos responsáveis pela elaboração de políticas e ações de combate à pedofilia.

Os passos dados por Rafael Kenski na etapa aqui descrita remetem a um dos três pilares que sustentam o Design Thinking: Empatia, ou imersão, que ao lado de Colaboração/Cocriação e Experiência/Prototipação, é um dos mecanismos, não necessariamente lineares, empregados na prática de se pensar de forma inovadora.

O processamento e recuperação semântica em ambiente digital é possível graças a softwares que executam inferências (AMBINDER; MARCONDES, 2013). O conhecimento produzido nesse processo origina o desenvolvimento de ontologias específicas, que visam à atribuição de sentido e significado ao conteúdo dos documentos, atuando como ferramenta de representação do conhecimento (PICKLER, 2007). Com a extração de conhecimento ontológico, aplicação que pode ser vista como uma etapa de pós-processamento de dados, detecta-se conhecimento mais explícito sobre condições personalizadas, conhecimento em forma de dados digitais que, associado a outros dados, incrementa análises (YU et al, 2014). Ao ser reunido em bancos de dados digitais, esse conhecimento passa a representar expressões significativas da Inteligência Coletiva sobre temáticas determinadas. O termo Inteligência Coletiva, cunhado pelo teórico francês Pierre Lévy, é compreendido por Jenkins (2009) como uma fonte alternativa de poder midiático cuja aplicação vem sendo exercitada pela sociedade em suas interações diárias (JENKINS, 2009).

Multidões digitais

Jenkins (2009) descreve a produção da Inteligência Coletiva como um processo iniciado pela construção, dentro de cada cérebro, de uma mitologia pessoal e própria, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em instrumentos de compreensão da vida cotidiana. Esse conhecimento armazenado em inconscientes individuais chamou a atenção de indivíduos e organizações interessados em acessar opiniões pessoais sobre determinados temas e produtos, com o objetivo de traçar estratégias que, ao levar em conta percepções individuais, atinjam grupos representados por esses indivíduos. O propósito de tais estratégias pode ser tanto comercial quanto pessoal ou ideológico. Dessa forma, passou-se a incentivar o extrapolamento desse conhecimento por meio de interações midiáticas, o que gerou um burburinho de conversas extremamente valorizado pelo mercado das mídias (JENKINS, 2009).

Para Merhy (2015), multidões são como esfinges a serem desveladas e transformadas em populações que possam ser controladas. Ao controlar populações, é possível induzi-las a comportamentos e hábitos desejados, tanto sociais quanto de consumo. O atual estágio de desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, sobretudo as que proporcionam interatividade entre humano e computador, muniu essa esfinge de instrumentos para coleta de dados que, analisados, oferecem uma compreensão interessante sobre os padrões de seus comportamentos e hábitos. Essa compreensão, por sua vez, propicia o desenvolvimento de intervenções mais efetivas no que diz respeito à modelagem de hábitos e comportamentos visando à aquisição de valor, seja monetário ou social. Assim, ao se conhecer os comportamentos e hábitos de determinados grupos de consumidores e usuários, é possível utilizar argumentos e abordagens personalizados de acordo com as características e necessidades específicas de um público-alvo almejado.

Se no início o poder coletivo foi utilizado principalmente para fins recreativos, à medida que consumidores e usuários de mídias reconheceram seu poder como também produtores de conteúdo midiático, as habilidades de interação midiática passaram a ser exercitadas e direcionadas para propósitos distintos. Ainda quando o poder coletivo era utilizado para fins menos “sérios”, Henry Jenkins já apostava no potencial da produção coletiva de significados para modificar o funcionamento das religiões, da educação, do direito, do direito, da política, da publicidade e mesmo do setor militar (JENKINS, 2009).

Identificados como *crowdsourcing*, os fenômenos nos quais um grande número de pessoas coleta dados digitais e os reúne numa plataforma comum possibilitam a extração de estatísticas comunitárias importantes (KANHERE, 2011). As novas tecnologias abriram, também, um leque de opções de abordagens aos aspectos sociais que tais dados carregam, proporcionando uma otimização da informação que, aplicada à pesquisa, permite a identificação de padrões de comportamento e necessidades de comunidades específicas em meio a grandes conjuntos de dados, contribuindo para a busca por evidências e subsídios que sirvam de base para políticas e ações direcionadas.

Dados reunidos a partir da contribuição digital de vários membros da comunidade podem ser combinados de diferentes formas, construindo uma visão espacial-temporal do fenômeno de interesse (KANHERE, 2011). Por sua vez, o acesso direto ao conteúdo semântico de dados inseridos em ambiente digital facilita atividades de pesquisa que

conduzem a métricas complementares às tradicionais (AMBINDER; MARCONDES, 2013).

Nesse cenário tecnológico, Barbosa e Torres (2013) destacam a preponderância crescente do Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD), apontando como uma de suas extensões o Jornalismo Guiado por Dados, composto por modos de narrar, de compor peças informativas e por formatos variados para os conteúdos, bem como para apresentação das informações jornalísticas, marcados por hipernarrativas ou narrativas interativas dinâmicas, complexas e afinadas com o que se denomina estética base de dados.

Relações de afeto em ambiente virtual

Rocha e Pereira (2015) destacam a interferência das inovações tecnológicas significativas, especialmente as dedicadas à comunicação entre as pessoas, na maneira como cada indivíduo olha o mundo e a si próprio, afetando os diversos papéis desempenhados em lugares diferentes. A observação dos inúmeros casos de exposição de ódio em redes sociais deixa claro que, no ambiente virtual, não é raro que a expressão de ideologias adquira proporções distintas daquelas que teriam adquirido se o debate fosse travado no ambiente físico.

Os chamados *haters*, indivíduos que expressam em mídias sociais opiniões marcadas pelo ódio dirigido a grupos com determinadas características – políticas, físicas ou comportamentais, por exemplo – começam a ser vistos como um fenômeno a ser estudado no contexto das mídias contemporâneas. Considerado um ingrediente da trama intersubjetiva, o ódio está presente e revela múltiplas faces na vida psíquica em circunstâncias diversas, funcionando como elementos dinâmico de afirmação da identidade de quem o expressa (BARROS; ROCHA, 2013).

A reação dessa parcela do público diante da presença de uma criança com determinadas características físicas surpreendeu tanto o restante do público quanto os responsáveis pelo programa e os familiares da menina, que se viram ainda sujeitos a julgamentos em relação à decisão de autorizar a participação da filha em um programa televisivo.

Considerações finais

Jenkins (2009) defende que a inteligência coletiva é capaz de concentrar sua energia na resolução de problemas menos triviais que o entretenimento. Uma das razões que a afastaria das coisas tidas como “sérias”, tal política, é a insistência no chamado Paradigma do Expert. De acordo com esse paradigma, é necessário transformar-se num especialista em estratégia antes de entrar em determinados debates. Aos que não estão dispostos ou não se consideram aptos a isso, resta a opção de aceitar que um expert em estratégia pense por eles. A cultura do conhecimento e o reconhecimento do poder da inteligência coletiva modificam esse paradigma, enriquecendo o debate à medida que incorpora diferentes pontos de vista, até então não considerados. Os depoimentos registrados no #primeiroassedio chamam a atenção não só pela dimensão, mas também pelo fato de que, ao conhecerem narrativas diferentes, muitas pessoas se depararam com semelhanças em suas próprias narrativas, reconhecendo elementos de assédio sexual. Muitas se sentiram encorajadas para elaborar questões íntimas nunca antes elaboradas ou enfrentadas, contribuindo para expandir o debate em direção a abordagens ainda não exploradas.

Jenkins (2009) também chamou a atenção para a complexidade de se definir a escala em que as comunidades de conhecimento operam, questionando a completude da abordagem de Pierre Lévy, para quem num momento – chamado por Jenkins de “mais utópico” – o mundo inteiro representaria uma cultura única do conhecimento, e no outro estaria sujeito à necessidade de escalonamento, especialmente nas primeiras fases de uma cultura do conhecimento emergente. Intrigado com as dificuldades que surgiriam diante da tarefa de processar uma enorme quantidade de dados sobre problemas inter-relacionados inseridos em ambientes em transformação, Jenkins arrisca uma solução: fazer uso de estruturas organizacionais que favoreçam a genuína socialização da resolução de problemas, em vez de sua resolução por meio de entidades separadas, uma vez que dessa forma tais entidades correriam o risco de se tornarem competitivas, inchadas, obsoletas e isoladas da vida real.

Investir nessa socialização genuína, orientada pela atenção humana em lugar da informatizada, é um caminho que se mostra viável para a resolução de problemas de ordem social que estejam fortemente interligados a questões inseridas em outros âmbitos.

Explorou-se, nesse estudo, apenas dois aspectos interligados à temática da pedofilia na sociedade brasileira: questões de âmbito jurídico e de ordem moral. Tal limitação deveu-se ao caráter exploratório do estudo e às fronteiras do conhecimento adquirido para a análise. Acreditamos, porém, que a racionalidade aqui exposta é passível de explorações distintas e ampliadas de temáticas diversas, sendo capaz de contribuir para a resolução de problemas de cunho social que se manifestam em várias esferas de sociedades marcadas pelas transformações constantes. Um cenário semelhante ao da sociedade contemporânea, fortemente influenciada pelo desenvolvimento de tecnologias midiáticas.

A marcação semântica é apontada por Correa e Bertocchi (2012) como um processo intermediário do cenário cibercultural para o mundo informativo contemporâneo, sendo o excesso de informação a justificativa para a emergência de sistemas informatizados em detrimento de um processo de modelamento com evidente intervenção humana. Dentro das práticas jornalísticas, as funcionalidades técnicas decorrentes da Web Semântica vêm sendo aplicadas de maneiras diversas, representando uma oportunidade de atuação para profissionais de comunicação. Correa e Bertocchi (2012) propõem que essa atuação seja configurada em um papel de curadoria, desempenhado por jornalistas que atuam no contexto cibercultural descrito.

Procurou-se demonstrar, com a análise aqui desenvolvida, que a aplicação de uma racionalidade que reúne de forma equilibrada os pensamentos analítico e intuitivo, representa uma alternativa à predominância de sistemas informatizados, indo em direção ao desenvolvimento de intervenções humanas sintonizadas com percepções, concepções e necessidades de grupos específicos. Defendemos que tal racionalidade seja compreendida como complementar ao exercício do Jornalismo de Dados, de forma a inserir a metodologia no conjunto de funções desempenhadas no processo de curadoria de tecnologias de Web Semântica. Acreditamos, com essa proposta, que o caráter de promotoras de transformações sociais que configura as tecnologias midiáticas contemporâneas será potencializado.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO (ABRAJI). *Manual de Jornalismo de Dados entra no ar on-line*. Disponível em: <http://www.abraji.org.br/?id=90&id_noticia=2710> Acesso em 03 de novembro de 2015.

AMBINDER, Déborah Motta; MARCONDES, Carlos Henrique. Novas experiências para apresentação, acesso e leitura de artigos científicos digitais na web. *Transinformação*, Campinas , v. 25, n. 3, p. 195-201, dez. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862013000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 nov. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862013000300002>.

BARBOSA, Suzana Oliveira; TORRES, Vitor. O paradigma 'Jornalismo Digital em Base de Dados: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. *Galáxia* (São Paulo), São Paulo , v. 13, n. 25, p. 152-164, jun. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-25532013000200013&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 nov. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1982-25532013000200013>.

BARROS, Maria Neuma Carvalho de; ROCHA, Zeferino de Jesus Barbosa. Ódio, cúmplice do Eu. *Rev. latinoam. psicopatol. fundam.*, São Paulo , v. 16, n. 4, p. 518-528, dez. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142013000400002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1415-47142013000400002>.

BBC PORTUGUESE. *Vítima na infância estimula milhares de denúncias de #PrimeiroAssédio após polêmica do MasterChef*. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151022_assedio_salasocial_masterchef_rm> Acesso em 03 de novembro de 2015.

CASTRO, Fabiano Ferreira de; SANTOS, Plácida Leopoldina Ventura Amorim da Costa. Uso das tecnologias na representação descritiva: o padrão de descrição bibliográfica semântica MarcOnt Initiative nos ambientes informacionais digitais. *Ci. Inf.*, Brasília , v. 38, n. 1, p. 74-85, abr. 2009 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-

[19652009000100005&lng=pt&nrm=iso](http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652009000100005)>. acessos em 04 nov. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652009000100005>.

CATARINO, Maria Elisabete; SOUZA, Terezinha Batista de. A representação descritiva no contexto da web semântica. *Transinformação*, Campinas, v. 24, n. 2, p. 77-90, ago. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862012000200001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 nov. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862012000200001>.

CORREA, Elizabeth Saad; BERTOCCHI, Daniela. A cena cibercultural do jornalismo contemporâneo: web semântica, algoritmos, aplicativos e curadoria. *MATRIZES USP*. Ano 5, n. 2. Jan.jun. 2012. São Paulo, Brasil.

DATA JOURNALISM HANDBOOK ORGANIZATION. *Manual de Jornalismo de Dados 1.0*. Disponível em: <<http://datajournalismhandbook.org/pt/>> Acesso em 03 de novembro de 2015.

FONSECA, Laura Souza. Trabalho infanto-juvenil e formação humana: limites na potência ontológica e banalização do sujeito de direitos. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 137-153, jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462010000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1981-77462010000100008>.

GAZETA DO POVO. *Pedofilia ainda não é crime no Brasil*. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/pedofilia-ainda-nao-e-crime-no-brasil-bajy3ogh0krs8xy6lr2v54bbi>> Acesso em 03 de novembro de 2015.

KANHERE, S.S. *Participatory sensing: Crowdsourcing data from mobile smartphones in urban spaces*. Proceedings - IEEE International Conference on Mobile Data Management. Volume 2, 2011, Article number 6068482, Pages 3-6.

LARA, Marilda Lopes Ginez de. Documentary languages and knowledge organization systems in the context of the semantic web. *Transinformação*, Campinas, v. 25, n. 2, p. 145-150, ago. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-

[37862013000200005&lng=pt&nrm=iso](http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862013000200005)>. acessos em 04 nov. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-37862013000200005>.

MELO, Adriana; ABELHEIRA, Ricardo. *Desing Thinking & Thinking Design: metodologia, ferramentas e reflexões sobre o tema*. São Paulo: Novatec, 2015.

MERHY, Emerson Elias. Multidão: esfinge da saúde pública, lugar de inflexão, ideias do bem comum. *Saude soc.*, São Paulo , v. 24, supl. 1, p. 44-54, jun. 2015 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000500044&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 nov. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902015S01004>.

PICKLER, Maria Elisa Valentim. Web Semântica: ontologias como ferramentas de representação do conhecimento. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte , v. 12, n. 1, p. 65-83, abr. 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 nov. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-99362007000100006>.

RIBEIRO, Juliana Colussi. Proposta metodológica para a análise de blogs jornalísticos. *Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.* [online]. 2013, vol.36, n.2, pp. 197-218. ISSN 1809-5844. <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-58442013000200010>.

ROCHA, E.; PEREIRA, C.; BARROS, C. (Orgs.). *Cultura e experiência midiática*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO/Mauad, 2014.

SAFERNET. *Especialistas elogiam nova lei contra pedofilia na internet*. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/noticias/especialistas-elogiam-nova-lei-contrapedofilia-internet>> Acesso em 03 de novembro de 2015.

SEGURADO, Rosemary; LIMA, Carolina Silva Mandú de; AMENI, Cauê S.. Regulamentação da internet: perspectiva comparada entre Brasil, Chile, Espanha, EUA e França. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014005000015&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov. 2015. Epub 13-Ago-2014.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702014005000015>.

SENADO NOTÍCIAS. *Vai ao Plenário do Senado maior rigor contra pedofilia na internet.*

Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/10/16/vai-ao-plenario-do-senado-maior-rigor-contra-pedofilia-na-internet>> Acesso em 03 de novembro de 2015.